

## Adolescentes de escolas secundárias do norte de Portugal: comportamentos face à sexualidade

Maria de Fátima Morais Brás<sup>1</sup>, Manuel Alberto Morais Brás<sup>2</sup>, Dora Margarida Ribeiro Machado<sup>3</sup>, Ana Maria Vales de Sá Morais<sup>4</sup>

Como citar este artigo:

Brás, M. F. M.; Brás, M. A. M.; Machado, D. M. R., Sá Morais, A. M. V. Adolescentes de escolas secundárias do norte de Portugal: Comportamentos face à sexualidade. *Revista Multidisciplinar CEsP*, 3(1), 18 – 29, DOI: 10.5281/zenodo.14391564

Publicado em: 13/12/2024

Copyright © 2024 pelo(s) autor(es) e Revista Multidisciplinar CEsP.

Este trabalho está licenciado sob a licença Creative Commons Attribution International (CC BY-NC-ND 4.0)

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>



### Resumo

A escassa informação sexual que os adolescentes possuem, tem frequentemente muitas lacunas o que vem aumentar as dificuldades dos jovens no que toca às escolhas sobre sexualidade. Maximizar os conhecimentos dos jovens sobre a sexualidade, disponibilizar recursos, sentido de autonomia e confiança, de forma a capacitá-los para assumirem o comando da gestão dos meios que possuem e estão ao seu alcance, modificando assim os seus comportamentos levando à prevenção da doença, diminuindo os gastos em saúde. Com o objetivo de procurar analisar os comportamentos dos adolescentes face à sexualidade, desenvolveu-se um estudo descritivo, correlacional e transversal, de natureza quantitativa. Como instrumento de colheita de dados, foi usado o questionário. A amostra abrange 303 adolescentes a frequentarem o ensino secundário de quatro escolas do distrito de Bragança. Quando inquiridos sobre a existência de uma idade ideal para iniciar a vida sexual, a maioria dos rapazes (54%) e das raparigas (58,2%) dizem que não existe essa idade. Da amostra, 61,9% dos rapazes já iniciaram a sua vida sexual, sendo essa percentagem claramente inferior

<sup>1</sup> Consulta Externa - ULSNE, Enfermeira Especialista em Enfermagem Comunitária, Mestre em Gestão das Unidades de Saúde. [fatima.morais.bras@hotmail.com](mailto:fatima.morais.bras@hotmail.com)

<sup>2</sup> Escola Superior de Saúde de Bragança – IPB, Professor Adjunto. [manuel-bras@ipb.pt](mailto:manuel-bras@ipb.pt)

<sup>3</sup> Enfermeira e Doutoranda em Ciências de Enfermagem, Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Universidade do Porto. [dora.ribeiromachado@gmail.com](mailto:dora.ribeiromachado@gmail.com)

<sup>4</sup> Consulta Externa - ULSNE, Enfermeira Especialista em Enfermagem Comunitária. [anasamorais@hotmail.com](mailto:anasamorais@hotmail.com)

para as raparigas com 28,8%, quando inquiridos sobre quando se iniciaram sexualmente, 78,4% das raparigas e 65,4% dos rapazes iniciaram na fase de namoro.

Palavras-chave: adolescentes; sexo; conhecimentos; atitudes

### **Abstract**

The little sexual information that teenagers have often contains many gaps, making it more difficult for young people when it comes to making choices about sexuality.

To maximize young people's knowledge about sexuality, providing resources, a sense of autonomy and trust, in order to enable them to take command of the management of the resources they own and are within their reach, thus modifying their behaviors and leading to prevention of diseases as well as reducing avoidable health spending. With the aim of seeking to analyze the teenagers' behaviors regarding sexuality, a study was developed based on a descriptive approach, as well as correlational and transversal, and quantitative in nature. As a data collection instrument, a survey was used. The sampling covers 303 teenagers attending secondary education at four schools in the district of Bragança.

When questioned about the existence of an ideal age to start sexual life, the majority of the boys (54%) and girls (58.2%) say that there is no such age. Of which, 61.9% of the boys have already started their sexual life, while a clearly lower percentage was valid for the girls (28.8%), when asked. As for the question about when they initiated their sexual experiences, 78.4% of girls and 65.4% of boys stated they had started at a dating phase.

Keywords: Young people; sex; knowing; attitudes

## INTRODUÇÃO

A adolescência é o período da vida em que já não se é criança, mas ainda não se é adulto. É um período em que há transformações profundas no corpo, nas relações com os pais e com as outras pessoas, em que há dificuldades e conflitos relacionados com todas essas transformações, mas também é rico em ideias, experiências, sonhos e projetos (Brás et al, 2019; WHO, 2020).

No comportamento afetivo e sexual das raparigas é frequente estas apresentarem uma atividade sexual menor que a dos rapazes, pela maior culpabilidade e maiores consequências diretas em relação à sua sexualidade.

Os adolescentes iniciam-se ou têm hoje a sua primeira experiência sexual cada vez mais precocemente. A proporção de jovens sexualmente ativos também cresceu. Assim, quanto mais cedo for o início das relações sexuais, menos informados os jovens estarão, logo menos provável será o uso de métodos contraceptivos e, por consequência, maior probabilidade de engravidar e de contrair doenças de cariz sexual, pois os adolescentes mais novos têm menos informação e competências sobre a sexualidade (Lancaster & Stanhope, 1999; Macpherson, 2001; Marques & Prazeres, 2000; Prazeres, 2008; Sampaio, 2006; Brás et al, 2019).

O estudo tem como objetivo analisar os comportamentos dos adolescentes face à sexualidade. Desenvolveu-se um estudo descritivo, correlacional e transversal, de natureza quantitativa. Como instrumento de colheita de dados, foi usado o questionário. A amostra abrangeu 303 adolescentes a frequentar o 10º, 11º e 12º ano de quatro escolas secundárias do norte de Portugal, em termos éticos, foram observados todos os pressupostos consagrados na Declaração de Helsínquia e Convenção de Oviedo relativamente à investigação com seres humanos.

### 1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Na adolescência é comum observarmos uma fase de “homossexualidade”, em que as raparigas convivem com as amigas intimamente, trocando confidências e os rapazes procuram parceiros para brincadeiras e vivências. É uma fase de experimentação sexual, que geralmente não influi na identidade sexual adulta

futura. A orientação sexual de um indivíduo está mais ligada ao sexo que lhe foi atribuído quando do nascimento e à atitude do ambiente, do que ao sexo gonádico propriamente dito (Bee, 1996; Brás et al, 2019).

Desde o momento que nascemos e durante toda a vida, somos submetidos consciente ou inconscientemente à adoção de atitudes, comportamentos e estilos de vida que resultam de um processo de socialização, que tem início no meio familiar e posteriormente no meio social em geral. As atitudes e comportamentos diferem, segundo o sexo, pois a sua sexualidade é vivenciada de forma diferente em consequência dos diferentes critérios utilizados na educação afetiva e sexual dos rapazes e das raparigas.

As alterações corporais são vivenciadas de forma diferente, de jovem para jovem. Há uma preocupação com a ideologia, tendência para uma maior abstração na autodefinição, que é referido como uma das tarefas da adolescência, e que Erikson (1986), citado por Bee (1996, p.291) descreveu como a “identidade versus confusão de papéis”, o adolescente está numa revolta e ofensiva geral contra o meio familiar e a autoridade. Sente necessidade de infringir as regras, de “pisar o risco”, de ousar de uma forma desordenada mais ou menos incoerente. Esforça-se por quebrar os laços que o ligam à infância procurando afirmar-se pela negação, com um misto de incerteza e de angústia, utilizando muitas vezes argumentos pouco convincentes.

Após a puberdade o comportamento sexual assume forma definitiva. A identidade sexual só é consolidada no final da adolescência, com a passagem para a idade adulta. Segundo a teoria psicanalítica de Freud, na infância existe uma “bissexualidade” que vai sendo substituída pela identidade sexual masculina ou feminina à medida que ocorrem as transformações biológicas do corpo e as condutas psicológicas e sociais são apreendidas. A moda unissexo mostra claramente a ambivalência da definição sexual na adolescência. Através da roupa e do cabelo pode-se ver como o jovem expressa os seus conflitos de identificação sexual. É normal que na adolescência apareçam períodos de predomínio de aspetos femininos no rapaz e masculinos na rapariga. A posição heterossexual adulta exige um processo de flutuação e aprendizagem de ambos os papéis. As experiências homossexuais ocasionais entre adolescentes não

podem ser consideradas patológicas, pois é um processo de angústia da definição sexual. No comportamento afetivo e sexual das raparigas é frequente estas apresentarem uma atividade sexual menor que a dos rapazes, pela maior culpabilidade e maiores consequências diretas em relação à atividade sexual (Sousa, 2000; Dumas, 2010; WHO, 2020).

Podemos então afirmar que a sexualidade floresce num mundo cultural de costumes e impedimentos, desenvolvendo-se e estruturando-se no meio familiar, estabelecendo-se na sua personalidade e na sua diferença através do acaso de uma história individual (Andrade, 1996; Crawford, 2011; Coelho, 2010; Santos, 2000; Dumas, 2010; Sampaio, 2009a).

## 2. METODOLOGIA

A ciência é entendida como um conjunto de conhecimentos humanos a respeito da natureza, da sociedade e do pensamento, sendo estes adquiridos pela descoberta e explicações das leis que regem os fenómenos.

Neste capítulo procuramos explicitar os procedimentos metodológicos adotados e o que levou à sua escolha. Começamos por expor as considerações que estiveram subjacentes às conceções do estudo e os objetivos que foram delineados, posteriormente abordaremos as opções metodológicas concebidas de acordo com o esboço.

O objetivo do estudo é analisar os comportamentos dos adolescentes face à sexualidade.

A sua variável dependente foi o comportamento dos adolescentes face à sexualidade relacionando esta com as variáveis independentes idade de início vida sexual e parceiro. Desenvolveu-se um estudo descritivo, correlacional e transversal, de natureza quantitativa. Como instrumento de colheita de dados, foi usado o questionário. A população deste estudo são N=736 alunos que frequentavam os 10.º, 11.º e 12.º anos das escolas secundárias de Bragança: Emídio Garcia e Abade Baçal, escola secundária de Miranda do Douro e escola profissional de Carvalhais em Mirandela. A amostra abrangeu 303 adolescentes a frequentar o 10º, 11º e 12º ano de quatro escolas secundárias do norte de

Portugal, em termos éticos, foram observados todos os pressupostos consagrados na Declaração de Helsínquia e Convenção de Oviedo relativamente à investigação com seres humanos.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Tabela 1 apresenta as respostas sobre, se considera existir uma idade própria (ideal) para iniciar a vida sexual, a maioria das raparigas (58,2%) e rapazes (54%) considera não existir idade própria (ideal) para início da vida sexual, 34,1% dos rapazes e 32,8% das raparigas acha que sim, os restantes não sabem.

A maioria dos inquiridos rapazes e raparigas (62,7% e 58,8%) respetivamente, é de opinião que as raparigas se iniciam sexualmente com um parceiro mais velho, contudo na opinião de 34,9% dos rapazes e 36,7% das raparigas, referem que as raparigas se iniciam sexualmente com um parceiro próximo da sua idade.

Relativamente à questão, os rapazes iniciam a sua atividade sexual com um parceiro mais velho, mais novo, ou idade próxima, os rapazes inquiridos (46,8%), sugerem ser com idade próxima, 38,9% acham que é com parceiro mais novo e apenas 14,3% diz ser com parceiro mais velho; para as raparigas, 48% acha que é com parceiro mais novo, 32,2% considera ter idade próxima e 19,8% parceiro mais velho. As raparigas têm tendência para se iniciarem sexualmente com parceiros mais velhos em (65,1%), opinião perfilhada por (Marques e Prazeres, 2000; Sampaio, 2006). Ainda noutro estudo efetuado por Sousa (2000), quando se perguntou aos rapazes entre os 14 e os 18 anos que idades tinham as suas parceiras, aquando da sua iniciação sexual, eles responderam que elas tinham a mesma idade, ou eram dois anos mais novas. Quando colocada a mesma questão às raparigas, a grande maioria respondeu que o seu parceiro era um ou dois anos mais velho.

Nos resultados apresentados na Tabela 2, regista-se que, quanto à precocidade da primeira relação sexual das raparigas, ela é para 87,3% e 85,3% respetivamente rapazes e raparigas cada vez mais precoce, 5,6% dos rapazes e 6,2% das raparigas referem que a idade se tem mantido ao longo do tempo e 7,1% dos rapazes e 8,5% das raparigas afirmam ser cada vez mais tardia.

Quanto à idade da primeira relação sexual dos rapazes, 81,9% das raparigas e 76,2% dos rapazes consideram que é cada vez mais precoce, 7,9% dos rapazes e 6,8% das raparigas acham que tem início mais tardiamente, e os restantes dizem ser igual. Assim, parece consensual, tendo em conta as respostas e respetivas percentagens obtidas, que ambos os sexos se iniciam sexualmente cada vez mais precocemente. Embora a maioria dos autores sejam de opinião que os adolescentes se iniciam sexualmente cada vez mais em idades precoces, não existe contudo uma idade padrão para o início da atividade sexual, uma vez que o tipo de personalidade de cada ser, a educação que cada um recebe, a estrutura familiar, o nível socioeconómico, a religião professada, o meio social e cultural são condicionantes a levar em apreço (Andrade, 1996; Nodin, 2001; Prazeres, 2008; Sampaio, 2006; WHO, 2020). Os jovens parecem ser transportadores de uma nova ética sexual de experimentação, bastante mais liberal do que aquela que caracterizava as gerações que lhe precederam (Associação de Planeamento Familiar, 2009; Brás et al, 2019).

**Hipótese 1** – Existe associação entre os conhecimentos que os adolescentes têm sobre sexualidade quando iniciam a sua vida sexual e o sexo, a idade, a área científica e o dialogar com os pais sobre sexualidade.

Analisando a Tabela 3, tendo em conta o sexo, apesar das raparigas terem uma *chance* cerca de 2,4 vezes superior de terem mais conhecimentos sobre sexualidade do que os rapazes, esta diferença não é estatisticamente significativa ( $p=0,211$ ). Quanto à idade, a *chance* de um aluno com menos de 18 anos ter conhecimentos é cerca de 6,5 vezes superior à de um adolescente com 18 ou mais anos, valor estatisticamente significativo ( $p=0,003$ ). Quanto à área científica procedeu-se ao cálculo das *odds* entre científico natural e Curso Educação e Formação, pois todos os adolescentes de humanidades que iniciaram a sua atividade sexual afirmaram ter conhecimentos sobre sexualidade. A *chance* de um adolescente da área científico natural ter conhecimentos é 3 vezes superior à de um adolescente de Curso Educação e Formação aquando do início da sua atividade sexual, mas esta diferença não é

estatisticamente significativa, pois o ( $p=0,076$ ). Tendo em conta o dialogar com os pais sobre sexualidade, um adolescente que não dialogue com os pais sobre sexualidade, tem uma *chance* 6,5 vezes superior à de um jovem que converse com os pais sobre a temática em questão. Os conhecimentos que os adolescentes tinham aquando do início da sua vida sexual estão diretamente associados à idade pois os valores de prova obtidos para as *odds* é inferior a 5%. Num estudo efetuado por Brás (2008), também os conhecimentos sobre sexualidade aquando da iniciação sexual estavam significativamente associados a idade com ( $p=0,001$ ). Torna-se necessário ajudar os adolescentes a compreender, a equilibrar e a controlar a sua sexualidade no sentido de prevenir as possíveis consequências, bem como promover o saudável desenvolvimento da sua personalidade. Educar para a saúde é educar para o amor e sexualidade, estar junto, dialogar e compreender, é participar ativamente na vida dos jovens. Informação traduz-se na transmissão de conhecimentos teóricos e científicos, os adolescentes continuam pouco informados relativamente à sexualidade (Andrade, 1996; Prazeres, 2008; Brás et al, 2019; WHO, 2020).

## **CONCLUSÃO**

No momento em que cada vez mais se manifesta a importância da sexualidade no adolescente e em que esta tomada de consciência põe em causa os valores morais tradicionais, desencadeando reações de temor em muitos adultos e até profissionais de saúde, parece profícuo refletir sobre os resultados obtidos. Não há uma adolescência, mas adolescências constituídas por redes relacionais de diferenças socioculturais, que estrutura proximidades e distâncias sociais. Consideramos que os jovens devem ser os pontos fulcrais nas tomadas de decisão em matérias como a sexualidade, contraceção e planeamento familiar. As mudanças de atitude, de acordo com a sua idade, traduzem esquemas de comportamentos interpessoais diferentes, sofrendo também influência do ambiente cultural circundante. A crise de desenvolvimento da adolescência leva à formação do senso de identidade. O adolescente vê-se como um ser único, separado dos outros indivíduos (Erikson, 1986, cit. por Bee 1996; Brás et al, 2019).

Não existe uma pedagogia única e especializada para promover e ensinar educação sexual, todos os métodos podem ser aplicados, desde que bem utilizados. Abordar a sexualidade uma única vez, não é desejável nem suficiente, pois deverá ser organizada e estar de acordo com as necessidades dos jovens em constante mudança. Nem sempre é fácil falar de sexo, mas, é sempre possível e imprescindível (Andrade, 1996; Vaz, 2007).

Rapazes e raparigas iniciam-se sexualmente cada dia mais precocemente. Raparigas com rapaz mais velho e rapazes com jovens próximas da sua idade. O conhecimento sobre sexualidade promove o adiamento da primeira relação sexual, com todas as vantagens que lhe estão inerentes, maior maturidade física/psicológica, maior probabilidade de uso de contraceção e menor número de gravidezes.

A ausência de informação incapacita e/ou dificulta a tomada de decisão e a mudança de comportamentos. Para tal, as instituições deverão estar cada vez mais capacitadas, para a disponibilização da informação atualizada e em tempo útil, dado o ritmo acelerado com que os conhecimentos nesta área evoluem. (Macpherson, 2001; Brás et al, 2019).

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- Andrade, M. I. (1996). *Labirintos da Sexualidade*. Porto. Porto Editora.
- Associação de Planeamento Familiar (2009) – *Falemos de Sexualidade. Guia para Pais e Educadores*: 3, 9-10. Lisboa.
- Bee, H. (1996). A criança em desenvolvimento. *Revista Artes Médicas*. 7, 23-28.
- Lancaster, M & Stanhope, J (1999). *Promoção da saúde de grupos, famílias e indivíduos*. Enfermagem Comunitária. 4ª Edição. Lisboa. Lusociência.
- Brás, M.F.M (2012). “Sexualidade na Adolescência: Análise da perspetiva do adolescente face à sexualidade”. Tese de Mestrado, IPB – Bragança, Escola de Saúde.

- Coelho, A.M.S.G.O.(2010). *Educar para a sexualidade. Um imperativo ético*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de medicina da Universidade do Porto. Porto.
- Crawford, M (2011). *Diário sexual e conjugal de um casal*. 1ª Edição. Madrid. Esfera de Livros.
- Dumas, D. (2010). “ *A sexualidade dos adolescentes contada por eles próprios*”. 1ª Edição. Lisboa. Editorial Bizâncio.
- Marques, A. M. & Prazeres, V. (2000). Educação Sexual em Meio Escolar: Linhas orientadoras. Ministério da Educação e Ministério da Saúde. 6, 5-10. Lisboa.
- Macpherson, Ann (2001) Sexualidade e Adolescência. Revista Planeamento Familiar. 2, 26-27.
- Morais Brás, M. A., García Jorge Anes, E. M., & Da Cruz Merinho Antão, C. (2019). Educação para a uma sexualidade positiva em crianças e adolescentes: vários olhares!. Revista INFAD De Psicología. International Journal of Developmental and Educational Psychology., 1(1), 277–282.  
<https://doi.org/10.17060/ijodaep.2019.n1.v1.1423>
- Nodin, N. (2001) Adolescentes, o Sexo e os Outros. Revista de Sexualidade e Planeamento Familiar. 31; 37-41.
- Prazeres, V. (2008). O voo desordeiro de Eros. Lisboa. Dom Quixote.
- Sampaio, D. (2006). *Lavrar o Mar*. 1.ª Edição. Lisboa. Editorial Caminho
- Sampaio, D. (2009a). Porque sim. “ Os pais com maturidade sabem que os filhos não lhe pertencem”. Lisboa. Editorial Caminho.
- Santos, J. O. (2000) Opiniões e realidades, filhos do silêncio, o adolescente, a família, o enfermeiro, algumas reflexões. *Revista Enfermagem*. 2ª série 19; 8-10
- Sousa, F. (2000) *Sexualidade na Adolescência – Comportamentos, Conhecimentos e Opiniões/Atitudes de Adolescentes Escolarizados*. Tese de Mestrado. Porto. ICBAS, Universidade do Porto
- Vaz, J. M. (2007). Olhos nos olhos. Histórias de sexo e vida. Buenos Aires. Editora Boocket
- WHO. (2020). Adolescent development. [Adolescent health and development \(who.int\)](http://www.who.int)

## TABELAS

**Tabela 1**

*Idade e parceiros para iniciar a vida sexual, de acordo com o sexo*

		Masculino n=126	Feminino n=177	Teste qui- quadrado
<b>Há idade para iniciar a vida sexual?</b>	Sim	43 (34,1%)	58 (32,8%)	$\chi^2 = 0,864$ ; $g. l. = 2$ ; $p = 0,649^{NS}$
	Não	68 (54%)	103 (58,2%)	$\chi^2 = 0,864$ ; $g. l. = 2$ ; $p = 0,649^{NS}$
	Não sabe	15 (11,9%)	16 (9%)	$\chi^2 = 0,864$ ; $g. l. = 2$ ; $p = 0,649^{NS}$
<b>As raparigas iniciam a sua atividade sexual com um parceiro</b>	Mais velho	79 (62,7%)	104 (58,8%)	$\chi^2 = 1,183$ ; $g. l. = 2$ ; $p = 0,553^{NS}$
	Mais novo	3 (2,4%)	8 (4,5%)	$\chi^2 = 1,183$ ; $g. l. = 2$ ; $p = 0,553^{NS}$
	Idade próxima	44 (34,9%)	65 (36,7%)	$\chi^2 = 1,183$ ; $g. l. = 2$ ; $p = 0,553^{NS}$
<b>Os rapazes iniciam a sua atividade sexual com um parceiro</b>	Mais velho	18 (14,3%)	35 (19,8%)	$\chi^2 = 6,766$ ; $g. l. = 2$ ; $p = 0,034^{**}$
	Mais novo	49 (38,9%)	85 (48%)	$\chi^2 = 6,766$ ; $g. l. = 2$ ; $p = 0,034^{**}$
	Idade próxima	59 (46,8%)	57 (32,2%)	$\chi^2 = 6,766$ ; $g. l. = 2$ ; $p = 0,034^{**}$

Teste de *qui-quadrado*

NS – não significativo; \*\* - significativo a 5%

**Tabela 2**

*Precocidade da idade da primeira relação sexual de acordo com o sexo*

		Masculino n=126	Feminino n=177	Teste qui- quadrado
--	--	--------------------	-------------------	------------------------

<b>A idade da primeira relação sexual das raparigas é:</b>	Mais precoce	110 (87,3%)	151 (85,3%)	$\chi^2 = 0,252$ ; $g.l. = 2$ ; $p = 0,881^{NS}$
	Mais tardia	9 (7,1%)	15 (8,5%)	$\chi^2 = 0,252$ ; $g.l. = 2$ ; $p = 0,881^{NS}$
	É igual	7 (5,6%)	11 (6,2%)	$\chi^2 = 0,252$ ; $g.l. = 2$ ; $p = 0,881^{NS}$
<b>A idade da primeira relação sexual dos rapazes é:</b>	Mais precoce	96 (76,2%)	145 (81,9%)	$\chi^2 = 1,606$ ; $g.l. = 2$ ; $p = 0,448^{NS}$
	Mais tardia	10 (7,9%)	12 (6,8%)	$\chi^2 = 1,606$ ; $g.l. = 2$ ; $p = 0,448^{NS}$
	É igual	20 (15,9%)	20 (11,3%)	$\chi^2 = 1,606$ ; $g.l. = 2$ ; $p = 0,448^{NS}$

Teste de *qui quadrado*

NS – não significativo

### Tabela 3

*Conhecimento aquando do início da vida sexual: sexo, idade, área científica e dialogar com os pais sobre sexualidade*

Variável	n	Quando iniciou a atividade sexual tinha conhecimentos (%sim)	OR	p	Intervalo Confiança a 95%
<b>Sexo</b>					
Masculino	78	87,2	1	-	
Feminino	51	94,1	2,353	0,211	0,615 – 9,005
<b>Idade</b>					
<=17 anos	90	95,6	6,45	0,003	1,85 – 22,489
>=18 anos	39	76,9	1	-	
<b>Área científica</b>					
Humanidades	21	100	-	-	
Científico natural	59	93,2	3,094	0,076	0,890 – 10,758
CEF	49	81,6	1	-	
<b>Dialogar com os pais sobre sexualidade</b>					
Sim	64	82,8	1	-	
Não	65	96,9	6,538	0,018	1,387 – 30,811